

CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM CINEMA: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?

Valeska Fortes de Oliveira/Universidade Federal de Santa Maria- guiza@terra.com.br

Marli da Silva/Universidade Federal de Santa Maria

Ionice da Silva Debus/Universidade Federal de Santa Maria

Adriana Bagordakis Tinoco Concatto/Universidade Federal de Santa Maria

Maristela Silveira Pujol/Universidade Federal de Santa Maria

Caroline Ferreira Brezolin/Universidade Federal de Santa Maria

Eixo 7: Experiências educativas inovadoras

O projeto *CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM CINEMA: ATÉ ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?* Faz parte de estudos/pesquisas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS), que vem trabalhando com – ensino, pesquisa e extensão – na área de formação de professores. Este projeto de pesquisa se propõe ao desenvolvimento de estudos bibliográficos, levantamento de dados, estado da arte sobre as pesquisas nacionais e internacionais que abordem a relação entre cinema e educação. Neste sentido, com aporte da cartografia, os dados são construídos a partir das anotações nos encontros de formação nas escolas, nas oficinas de Cinema e Educação e nos questionários semiestruturados. Alguns resultados surgem, como as narrativas dos professores em relação a reconhecerem a dificuldade de interagir de forma interdisciplinar com seus colegas na escola. Motivos estes, decorrido da falta de interesse de seus colegas, o tempo de duração das disciplinas é outra dificuldade apontada pelos professores, a falta de disponibilidade para planejamento pedagógico de aulas interdisciplinares com o “cinema” e os conteúdos escolares. Tem-se como referencial teórico no projeto: Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1993); Duarte (2002); KASTRUP (2010); TURNER (1997); Barros (2009); Escóssia (2010); Rolnik (2007); Maffesoli (2007), entre outros.

Palavras-chave: Cartografia. Cinema. Formação Docente. Imaginário Social. Pesquisa-intervenção.

**Breves considerações sobre o grupo GEPEIS e o projeto
*CARTOGRAFANDO EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM CINEMA: ATÉ***

ONDE A SÉTIMA ARTE PODE CHEGAR?

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) -, da Universidade Federal de Santa Maria RS, vem, ao longo dos últimos vinte e um anos, trabalhando com pesquisa, ensino e extensão na área de Formação de Professores, alicerçado no campo teórico do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis. Participam deste grupo alunos colaboradores e bolsistas de iniciação científica, mestrandos, doutorandos e professores de escolas das redes municipal e estadual de ensino, e instituições de ensino superior.

Uma das características marcantes deste grupo é a sua diversidade, pois dele participam profissionais e alunos de diversas áreas, como medicina, enfermagem, nutrição, psicologia, pedagogia, história, sociologia, artes cênicas, comunicação social, design, filosofia. Neste ambiente múltiplo, a diversidade, além das áreas, é também de opiniões e sentidos, configurando o espaço grupal como oportunidade de múltiplas aprendizagens, em que é imprescindível o respeito com o posicionamento do outro e a confiança na divisão das tarefas.

Ao longo desses anos, várias temáticas foram sendo incorporadas ao Imaginário Social nas pesquisas do grupo, como as questões de gênero, poder, subjetividade, o cuidado de si, a memória docente, o corpo biográfico, dispositivos grupais, histórias de vida, que, tal como o Imaginário, procuram abrir-se a novas perguntas, e trazer respostas interessantes e promissoras para antigos problemas da Educação.

Além da constante produção em pesquisa, o GEPEIS, nesses vinte e um anos, tem firmado várias parcerias com escolas das redes municipal e estadual de educação, com outras universidades e ONGs. Apoiados pelo tripé do ensino, pesquisa e extensão, o grupo não mede esforços para aproximar a universidade da sociedade, buscando sempre uma relação de parceria com as instituições.

No ano de 2012 firmou-se importante parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais–UFMG, na pessoa da professora Inês Assunção de Castro Teixeira, coordenadora do projeto *Enredos da vida, telas da docência: os professores e o cinema*, que tem como tema *as relações, os enredos, significados, experiências e práticas docentes com o cinema*.

Este projeto maior objetivou pensar o que nas vidas dos professores e nas suas biografias docentes nos interrogamos e buscamos – interrogam-se eles, também, e buscam – compreender: sempre algo mais acerca de seus (des)encontros com e por intermédio do cinema, ontem e hoje, alinhados com os problemas sempre em aberto da docência e da educação como um todo. Buscam e interrogam-se todos, pesquisadores e pesquisados compreender ideias, sentimentos, experiências, práticas, projetos em seus *affaires* individual e coletivo, ligados ao cinema, que movimenta suas

memórias e histórias de vida. A Sétima Arte ajudou a formar as gerações anteriores, que reencontram, ontem, como hoje, os sentidos às suas formações e vidas.

Dando continuidade ao trabalho, apresentamos uma nova proposta de pesquisa, a partir do tema já conhecido, pela necessidade de aprofundamento dos estudos ao passo que descobrimos cada vez mais a riqueza da relação entre cinema e educação. Nesta nova abordagem escolhemos a cartografia como opção metodológica.

Este método é fundamentado na teoria de que trazem a ideia de pesquisa como conexão de redes ou rizomas. Outros teóricos que partiram deste mesmo conceito de Deleuze e Guatarri vêm trabalhando nas suas pesquisas com este viés metodológico, que também nos auxiliarão, como Rolnik (2007); Barros (2009); Passos, Kastrup e Escóssia (2010). Neste sentido, os estudos sob esta perspectiva se configuram como pesquisa-intervenção, em que o pesquisador faz acompanhamento de processos e percursos, intervindo e mergulhando na experiência, sem fazer distinção entre sujeito e objeto, teoria e prática. A cartografia é o traçado deste plano, atentando para os efeitos do próprio percurso da investigação.

Para alcançar o objetivo de conhecer, através do método cartográfico, as potencialidades da relação entre cinema e educação, pensando a Sétima Arte como dispositivo de formação, estruturamos este projeto de pesquisa como uma matriz para o desenvolvimento de estudos bibliográficos, levantamento de dados, construção de Estado da Arte, encontros de formação inicial e continuada, produções de artigos.

Dialogando com o dispositivo cinema e autores

O tema Cinema e Educação nos permitem criar um cenário rico em ideias relacionadas ao tema. Rosália Duarte (2002) nos traz referências importantes acerca da relação da sétima arte com a educação, mostrando que gostar de cinema está intimamente ligado à questão familiar e à condição social dos sujeitos. No Brasil a maioria da população que frequenta as salas de cinema é de universitários que pertencem às classes médias e altas da sociedade. Todavia, numa sociedade permeada por mídias, outras formas de acesso são forjadas, o que promove a constituição de plateias através da difusão televisiva, dos cineclubes comunitários e, ainda, por intermédio da pirataria dos conteúdos audiovisuais.

A educação está intimamente ligada ao cinema de várias formas, pois este fornece novas percepções da realidade e crescimento intelectual, na medida em que o contato com os filmes amplia as visões de mundo das pessoas. Os professores que utilizam filmes como um recurso à reflexão e como fonte de conhecimento – buscando problematizar os enredos das obras com os contextos da realidade escolar e de cada estudante – percebem o potencial disso à formação pessoal e coletiva, resultando em práticas de socialização dos sujeitos.

Duarte (2002) coloca que a educação escolar é vista como uma das formas de socialização, e lembra Georg Simmel, para quem o conceito de socialização é visto como o processo em que o sujeito participa ativamente nas transformações do mundo social, compreendendo a aprendizagem como interação, participação.

O cinema produz relações sociais, tem um papel relevante na formação do pensamento, na produção de saberes, identidades, na percepção do real. Vemos o cinema como um enunciado historicamente situado (Bakhtin), como um agente de função revelatória (Kracauer), em que as tessituras do texto fílmico potencialmente engendram problematizações e compressões do universo a-diegético.

O cinema e a educação têm uma relação pedagógica, pois além da história trazem a mais ampla subjetividade, sentimentos e emoções do ser humano. Existe uma intenção do professor em estimular significados, fazer com que os indivíduos toquem seus íntimos. Este caráter pedagógico das histórias refere-se à ideia de que os filmes podem incitar opiniões, comportamentos e a riqueza da imaginação, dado que

Os filmes não são eventos culturais autônomos. Entendemos os filmes em termos de outros filmes, seu universo em termos de outros universos. “Intertextualidade” é um termo empregado para descrever o modo como qualquer texto de um filme será entendido mediante nossa experiência ou percepção de textos de outros filmes. (TURNER, 1997, p. 69).

O professor inserido em um determinado contexto histórico vai buscar conhecer e socializar com os alunos filmes que estejam ligados de alguma forma aos saberes da sua área, mas que se ligam, inevitavelmente, à vida dos alunos e com a vida escolar como um todo, possibilitando uma reflexão dos valores e modos de ver e de pensar a sociedade, produzindo um significado cultural. Nessa perspectiva, Duarte (2002 p. 60) diz que “o cinema é a mais autorreferente de todas as formas de arte”.

A relação do cinema com a sociedade sugere uma integração de novos saberes e maneiras de viver no imaginário social, como a produção de identidades, valores, aportes éticos e estéticos, comportamentos, hábitos e escolhas para vestir e comer, atitudes, tendências de novos ideais e novas idéias. Esses elementos que propõem mudanças individuais e coletivas ajudam na socialização dos indivíduos em nossa sociedade global, assim como podem servir para reafirmar identidades locais, seja pelos enunciados do cinema nacional ou regional ou pela alteridade que emerge frente ao cinema global.

Gutfreind (2005), ao discorrer sobre o cinema como uma forma de compreensão do pensamento, recorre ao Morin de *O cinema ou o homem imaginário*. A pesquisadora pondera que, distinguindo-se das investigações teóricas do cinema de viés realista, emergentes na década de 50, Morin coloca o indivíduo como alguém instigado a compartilhar com a obra cinematográfica em

vista de sua subjetividade. Na leitura de Gutfreind acerca da obra de Morin, a dimensão subjetiva desenvolve-se na relação com o filme em dois níveis;

Por um lado, a subjetividade leva-nos ao mundo vivido, produto de uma elaboração mais ou menos pessoal, resultado da imaginação do criador, tornando-se perceptível na tela. Por isso, o conteúdo do filme é de grande interesse, e Morin o apreende como algo que desperta percepções próprias ao sonho. Por outro lado, o imaginário caracterizaria a relação estabelecida entre o espectador e o filme, sua compreensão de uma situação representada sustentada sobre os seus conhecimentos, suas suposições e suas expectativas, daí ressaltando o interesse pela estrutura da imagem fílmica e sua capacidade de suscitar emoções pessoais (GUTFREIND, 2005, p.35).

Entende-se, que o professor ao dedicar seu tempo elencando filmes como instrumentos pedagógicos, mostra aos seus alunos que acredita em aparatos potencializadores de mudanças, não apenas pela adequação, mas pela pertinência do instrumento que poderá sensibilizar pela arte do movimento, dos sons e das histórias que ora imitam a realidade, ora a irrealidade. Posto isso, buscaremos compreender os desafios que os docentes encontram ao pensar o cinema em suas práticas de classe, uma vez que

O espectador jovem é um espectador com um olhar diferente, determinado pelo seu contato com outros meios de comunicação que não só o cinema. A televisão, por exemplo, o habituou a se relacionar com as imagens através de uma tela pequena e num ambiente repleto de interferências de toda ordem, além de lhe permitir ter o controle absoluto do zapping (MOURÃO, 2001, p. 50).

Fazer com que pessoas tenham acesso a filmes, principalmente na rede escolar ou nas universidades, é um caminho para ampliar novas perspectivas de vida, de provocar os sujeitos a buscarem conhecimento, cultura, de incitá-los à reflexão acerca da existência individual e coletiva. Por isso, Rosália Duarte (2002, p. 67) afirma que, “o olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados”.

Na verdade, a construção de ideias, a impressão da realidade, a interpretação do filme, o significado que os sujeitos vão elaborar após assistirem um filme serão provocadores para novos questionamentos e diferentes leituras da mesma história. A questão do cinema vinculado à educação também perpassa pela ideia de inovação dos saberes e de dividir conhecimentos através de diversos recursos tecnológicos disponíveis na atualidade. Um filme pode fazer sentir, pensar a vida de outra maneira, com mais criatividade. A leitura audiovisual instiga a criticidade, habilita o olhar para o texto dentro do texto, instrumentaliza a sociedade midiaticizada e altamente audiovisual. O universo fílmico apresenta-se como lugar de leitura social, qualificando-a, contribuindo para engendrar novos pensamentos frente aos problemas sociais.

Duarte (2002 p.70) diz que “[...] precisamos de ficção tanto quanto precisamos da realidade (...) a ficção atua como um dos elementos dos quais lançamos mão para dar sentido à nossa existência.”.

A obra faz referência sobre a questão do professor usar o cinema como um simples recurso didático e não como uma fonte de saber, de conhecimento. É necessário que o professor tenha algum conhecimento prévio sobre o cinema que possa servir de direção para as escolhas de filmes que vão nortear o seu planejamento de aula.

Esses conhecimentos são sobre a história do cinema, sua teoria, referências às nacionalidades das produções cinematográficas, sua língua, quem são os diretores, época de lançamento, característica do roteiro, dos recursos estéticos elencados. Enfim, toda informação que dê subsídios para análise do filme escolhido.

O valor cultural desta interação enriquece a educação, pois proporciona aos estudantes novas fontes de saber; enriquece a aprendizagem incitando-os à reflexão e às conversas, trocando ideias sobre o que foi visto e sentido, ou seja:

Quando falamos dos filmes que vimos, das impressões que eles nos causaram e do que aprendemos com eles, estamos falando dos significados que atribuímos a eles, nos diferentes momentos de nossas vidas, a partir de experiências que vivemos e dos saberes que fomos acumulando (DUARTE, 2002, p. 74).

A história narrada descreve situações semelhantes ao real, à hiper-realidade ou ao surreal. Opiniões sobre determinado fato ocorrido no decorrer do filme, falam por movimentos, imagens, efeitos e luzes ao imaginário construído pela sociedade e à sociedade. A análise feita produz novos significados, que por sua vez produzem novos pensamentos e atitudes, podendo se somar como reflexões sobre o comportamento humano e social. O potencial de tramar o cinema e a educação é favorecer uma experiência cultural e cheia de significados sociais, construindo um novo olhar, oportunizando novas vivências e experiências. Sobre as narrativas no cinema, as histórias e o mundo social, diz-se:

Mas o que é evidente é que o mundo “vem até nós” na forma de histórias. Desde os primeiros dias da nossa infância, nosso mundo nos é representado por meio de histórias contadas por nossos pais, lidas nos livros, relatadas pelos amigos, ouvidas nas conversas, compartilhadas entre grupos na escola, disseminadas no pátio do recreio. Isso não significa dizer que nossas histórias explicam o mundo. Em vez disso, a história na qualidade narrativa nos fornece um meio agradável, inconsciente e envolvente de construir nosso mundo. A narrativa pode ser descrita como uma forma de “dar sentido” ao nosso mundo social e compartilhar esse “sentido” com os outros. Sua universalidade realça o lugar intrínseco que ocupa na comunicação humana (TURNER, 1997, p. 73).

Na perspectiva de Duarte (2002, p.106), tem-se que: “[...] é sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e informação.”. Já nos estudos de representação inscritos na teoria do cinema, Casetti e Di Chio (1991) colocam este novo mundo apresentado por Duarte (2002) como um universo em si mesmo – diegese – situado à certa distância de seu referente. Assim, encontraremos a ambivalência da representação cinematográfica e, em certo sentido, a própria vocação do cinema, uma vez que a ação que o filme inspira como representação é também o lugar de um referente no mundo social.

Maffesoli (2007), acerca do tema da pregnância da imagem no corpo social, propõe uma apreensão do real na decorrência do irreal. O sociólogo atribui então um emprego à forma. Notadamente, percebemos na forma filmica, texto que se alimenta da pluralidade dos sistemas de representação social, como objeto capaz de suscitar provocações ao fazer docente.

Ao vislumbrarmos a realização de um documentário na perspectiva compreensiva (Maffesoli), trabalhando o enunciado filmico nas relações do cinema com as histórias de vida de docentes, antes de sintetizar a partir do tema proposto, precisamos buscar a polifonia que suscitam as transversalidades destas histórias. Assim, antes de pressupor o cinema como um lugar de importância para os sujeitos, devemos investigar em que medida ele se integra, ou não, aos cuidados de si.

Diante das considerações, têm-se que o projeto coordenado pelo grupo de estudo GEPEIS (UFSM) parte do pressuposto teórico-analítico de que os/as professores/as são sujeitos socioculturais que se diferenciam dos demais grupos, categorias e segmentos de trabalhadores, dada a sua condição de docentes, que demarca os processos de construção dos professores particularizando-os frente a outros atores, segmentos e grupos sociais.

Questiona-se como o cinema, hoje, engendra-se nos cenários e enredos da escola, da docência e da formação como um todo, assim como o porquê de falar e pensar o cinema na docência, no cotidiano da escola e nos processos educativos. Questões como estas são as que estamos buscando compreender no desenvolvimento das ações desse projeto, com o auxílio da cartografia.

Segundo os autores que dialogamos, para conhecer precisamos mergulhar no plano e acompanhar os processos, intervindo. No desenrolar do estudo, o cartógrafo precisa ativar a atenção flutuante, concentrada e aberta, desviando ou inibindo a atenção seletiva, que habitualmente usamos quando

vemos só o que queremos. Deve se pautar numa atenção sensível, para encontrar o que não conhecia, deixando de lado informações, expectativas e saberes e estar aberto ao que acontece. Neste sentido, acontece a construção dos dados da pesquisa, pois:

Procuramos demonstrar que a produção dos dados ocorre desde a etapa inicial da pesquisa de campo, que perde assim o caráter de uma simples coleta de dados. É preciso sublinhar que esse processo continua com as etapas posteriores, atravessando as análises subsequentes dos dados e a escrita dos textos, continuando ainda com a publicação dos resultados (KASTRUP, 2010, p.48).

Estas características trazidas pela autora demonstram o caráter contínuo do método, que diferente de outras abordagens, não faz separação dos momentos, como a coleta, análise e resultados. No caso da cartografia, tudo acontece ao mesmo tempo e os momentos estão interligados.

Considerações Finais

Nossa proposta de pesquisa em rede, envolvendo os professores da Educação Básica de Santa Maria/RS, busca firmar o compromisso da universidade com a comunidade escolar por meio da interlocução com os professores e as escolas desafiando-nos a nos constituirmos mais formadores culturais, não limitando nossa atuação à formação profissional.

Dessa forma, estão sendo acompanhados os encontros de formação dos professores nas escolas das redes municipal e estadual de Santa Maria/RS e alguns dados tomam forma. Têm-se as narrativas dos professores a respeito de suas vivências, tendo o cinema como dispositivo para pensar suas histórias pessoais e coletivas. Aliado a isto, tem-se um questionário semiestruturado sendo respondido pelos professores, com questões sobre as relações e vivências dos professores com o cinema. De um lado, no que refere às suas histórias pessoais e profissionais e às formas pelas quais o cinema nestas se faz presente, buscando compreender suas visões e concepções, saberes e fazeres docentes por intermédio do cinema em suas vidas. Por outro lado, interrogamos as razões da ausência desta arte no cotidiano escolar, cuidando de investigar acerca dos significados e sentimentos inscritos nos encontros dos docentes em suas práticas com o cinema dentro e fora da escola.

No presente projeto, ainda, estão sendo mapeadas as pesquisas nacionais que abordem a relação entre cinema e educação, a fim de construir um Estado da Arte sobre o conhecimento dessa temática. Portanto, mediar a discussão sobre a formação de professores na sociedade contemporânea, tendo o cinema como dispositivo, coloca a todos as questões de comprometimento de cada um diante da proposta de se pensar a escola enquanto lugar da cultura e da constituição do conhecimento, professores como agentes da cultura, como mediadores entre o aprender e ensinar na escola. Sendo assim, entende-se que para isso ocorrer, é necessário propor ações que valorizem o professor enquanto tal, dando-lhe condições para que possa investir na sua formação cultural.

Diante do exposto, pensa-se que se faz importante o dispositivo “cinema” como provocador na formação de vida nas narrativas dos professores, em suas aprendizagens, sentidos e significados construídos na experiência da participação, na formação. Sendo que a pesquisa visa firmar o compromisso da universidade com a comunidade escolar santa-mariense, por meio da interlocução com os professores e as escolas, desafiando-os a pensar nas potencialidades da relação entre cinema e educação, tendo em vista a Sétima Arte como dispositivo de formação.

Dessa forma, chamamos a atenção de que os resultados da pesquisa são parciais, mas já visualiza-se estreitas relações dessa percepção do cinema com a formação, já que esta, a formação, também é entendida como algo singular e que diz respeito a diferentes trajetórias e processos formativos distintos, baseando-se em um repertório de vivências pessoais que, de certa forma, mobilizam conhecimentos e saberes diversos na atuação profissional docente.

Assim, acredita-se que o Cinema e a Educação possuem uma estreita relação pedagógica, pois além da história trazem o subjetivo, os sentimentos e as emoções do ser humano. Neste contexto, observa-se a existência da intenção do professor em produzir significados, tocar, mexer no mundo íntimo dos indivíduos e, este caráter pedagógico das histórias, refere-se à ideia de que os filmes podem incitar opiniões e comportamentos diversos.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. In: **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar.1994.

CASETTI, Francesco; DI CHIO, Federico. **Cómo analizar um film**. 1º Edição. Barcelona, p. 278. ES: Ediciones Paidós, 1991.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. RJ: Paz e Terra, 1982.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação**, 1987. Disponível em http://www.dossie_deleuze.blogger.com.br/ . Acesso em: 12 jan. 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; SP: Paulus, 2008.

DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; SP: Paulus, 2010.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. BH: Autêntica, 2002.

EIZIRIK, Marisa. **Michel Foucault: um pensador do presente**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

FANFANI, Emilio T. **La condición docente: Análisis comparado de la Argentina, Brasil, Peru y Uruguay**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2007.

FERRY, G. **Pedagogia de la formación**. 1ª ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. 2 ed. SP: Martins Fontes, 2006.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. SP: Ed. 34, 1993.

GUTFREIND, C. F. Cinema: uma forma de tradução do pensamento. In: **metodologias e pesquisas**. Coleção comunicação 33. POA: Edipucrs, p. 214, 2005.

HELL, Victor. **A idéia de cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre a educação ético-estética**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

IBIAPINA, Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Vol. 17, Líber: Editora, 2009.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. SP: Cortez, 2004.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. POA: ArtMed. 2006.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica e Etnopesquisa-Formação**. Brasília: Líber, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva**. 1ª Edição. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. 295 p.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. SP: Loyola, 1996.

MOURÃO, Maria Dora. *Algumas reflexões sobre o cinema, o audiovisual e as novas formas de representação*. Revista FAMECOS: Sessões do Imaginário, 7: p 49-52, 2001.

NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. **In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; SP: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Valeska F. de. A Formação de Professores Revisita os Repertórios Guardados na Memória. **In: OLIVEIRA, Valeska F. de (Org.) Imagens de Professor: Significações do Trabalho Docente**. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2000.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Narrativas e Saberes Docentes. **In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: UNIJUÍ, 2006.

OLIVEIRA, Vânia F. de. **Territórios da Formação Docente: O Entre-lugar da Cultura**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. POA: Sulina, 2010.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. **In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; SP: Paulus, 2010.

SOUTO, M. et. al. **Grupos y Dispositivos de Formación**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires/ Facultad de Filosofía y Letras: Ediciones Novedades Educativas, 1999.

SOUTO, M. **Repensando la formación: cuestionamientos y elaboraciones**. (texto digitado – Aceptado para publicar em la Revista N. 1 de Educación de Palermo), 2007.

STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. 4ª Edição. Campinas, SP: Papirus Editora, 2010. 398 p.

TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. **In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. POA: Sulina, 2009.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. 1ª Edição. P. 174. SP: Summus, 1997.

<http://portal.inep.gov.br> . DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.